



“Quando trato dessa conversa entre mundos, reconheço que é algo muito próprio do povo preto, dos meus ancestrais, de tudo o que eles atravessaram para que eu pudesse estar aqui agora”

diferente. Talvez seja um jeito de controlar um pouco mais o material, apesar de que, em cinema, ter controle é algo praticamente impossível. Hoje, estar no set talvez me dê ainda mais segurança nesse lugar: de saber, de acordo com o tamanho da produção, até onde posso ir, sendo também um pouco mais realista no processo.

De que maneira a questão do esquecimento no âmbito particular, de um indivíduo já em fase outonal da vida, reflete os apagamentos de uma vivência social ligada à identidade negra?

Talvez essa demência do personagem, esse Alzheimer, seja realmente um pesadelo íntimo — um medo particular. Meu pai e meu avô passaram por isso. Existe uma

figura emblemática para o cinema brasileiro, Cajado Filho, o primeiro cineasta negro do Brasil, com mais de cinquenta filmes. É o cara que, segundo o (diretor de comédias de sucesso Carlos) Manga, inventou a chanchada. Hoje, ao dar um Google em seu nome, só resta uma foto, quase nada além disso. Quando penso nele, isso me assusta. A nova geração de cineastas e escritores negros muitas vezes nem conhece sua obra, que traz filmes como “Esse Milhão é Meu” e “O Homem do Sputnik”, primeiro filme de Jô Soares... Esse talvez seja também o meu medo e a pressa que tenho. Escrevo todos os dias, não com sofrimento, mas buscando realmente deixar uma obra consistente. Uma busca tola de imortalidade? Sei lá. Eu quero que meu cinema toque, transforme,

emocione. Pode parecer pretensão, mas acredito que o cinema existe para isso — para mexer com as pessoas. Na minha opinião, é a grande motivação de quem escreve, dirige, faz cinema. Foi por isso também que trouxemos Os Irmãos Timóteo, para o filme... Uma forma de recuperar a memória de Artur e João, dois precursores do modernismo no Brasil, com mais de seiscentas pinturas, e ainda assim sem a relevância devida. Retomar essas obras através do Félix, dar corpo a esses personagens esquecidos, talvez seja uma forma de reparação. E o filme fala muito disso.

Teus filmes tratam de heróis (dos mais humanos, dos menos hercúleos) que se encontram num fluxo afetivo... sempre rodeados de água (o mar em “Mergulho”; Iemanjá em “Memórias Com Vista Pro Mar”)... que pode redefinir seu futuro. O que esse “heroísmo” da sobrevivência fala sobre a condição masculina do presente?

Acho que esse heroísmo hoje se redefine no lugar do homem preto que busca outros sentimentos, além de todo estigma e estereótipo que carrega. Um homem que pode ser sensível, ter suas fraquezas, que não precisa se mostrar forte o tempo todo. Nos dois filmes — “Mergulho” e “Memórias” — vejo personagens que reconhecem que erraram.

No “Mergulho”, ao revisitar a casa e o passado; em “Memórias”, com Félix mergulhando nas próprias lembranças. Ambos fazem esse movimento de reconexão, de coragem para pedir desculpas e ajustar a própria vida. É uma disponibilidade rara e, ao mesmo tempo, muito necessária. Talvez seja algo que eu mesmo procuro — e que a minha geração também esteja buscando: essa coragem do perdão e de se perdoar.

Que projetos se desenham para o teu futuro?

Em 2026, estreia “Passinho no Ritmo dos Sonhos” que criei, escrevi, dirigi e fiz direção geral, para a Disney. E acabei de dirigir mais um filme, “F.O.M.E. - Falta de Oportunidade e Motivação Espiritual”. É um curta no qual retomo a parceria com William Costa. É um trabalho que mistura crítica social, Exu, distopia, Spike Lee, numa reflexão sobre a consciência que precisa ser ao mesmo tempo social e espiritual — porque acredito que esses caminhos se encontram e andam juntos. Ao mesmo tempo, seguimos a luta, através da minha produtora, a Dédalo, para levantar nosso primeiro longa, “Cinco Pretos e Um Pardo”. Se tudo der certo, em 2026 estaremos filmando — levando adiante essa busca, que é também reparação, denúncia e celebração.